

## A FRONTEIRA PELOS FRONTEIRIÇOS: EXPOSIÇÃO DE UMA NARRATIVA MULTILÍNGUE

ISIS KARINAE SUÁREZ PEREIRA<sup>1</sup>; TACIANE SILVEIRA SOUZA<sup>2</sup>; JACIANA ARAUJO<sup>3</sup>; MARCELA DOS SANTOS DODE<sup>4</sup>; VAGNER BARRETO RODRIGUES<sup>5</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– isiskspereira94@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– ciane\_ta@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas– jacianamga@hotmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas– marcela\_santos\_dode@hotmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas–vagnerbarreto1991@gmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – louise\_alfonso@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

De forma multidisciplinar, o projeto de extensão *A fronteira pelos fronteiriços* busca pensar a restituição a partir de várias áreas do conhecimento, como a Antropologia Social e Cultural, a Arqueologia, a Conservação, a Psicologia, a Comunicação Social e as Letras. A Antropologia da Restituição surge como resposta às exigências éticas e políticas do processo de pesquisa (VALE, 2014), enquanto a comunicação auxilia na externalização, feita através de uma exposição, dos dados científicos logrados.

A proposta da construção da exposição sobre a Fronteira originou-se por meio do trabalho de conclusão de curso defendido no ano de 2015 por Isis Karinae Pereira (integrante da equipe do projeto) no Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) que foi debatido durante as discussões da disciplina de Antropologia, Arqueologia e Comunidades o que reafirma a aproximação entre ensino, pesquisa e extensão. O projeto também envolveu, ao longo do processo, o projeto de dissertação voltado para a conservação de materiais arqueológicos do Museo Del Patrimonio Regional pela mestrande Taciane Souza e a equipe do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA), o que favoreceu um novo olhar sobre o acervo do museu e a aproximação com a conservação de acervos. A exposição ocorrerá no museu local de Rivera (Uruguai), cidade envolvida na pesquisa, descrevendo a fronteira, a partir do cotidiano dos fronteiriços. O objetivo é retratar a fronteira pelos caminhos traçados pelos que vivem aquele lugar.

A narrativa da exposição é multilíngue por ser construída em português, espanhol, dialetos portugueses do Uruguai (DPU) e português gaúcho da fronteira (PGF), estas últimas são variedades encontradas na região das línguas oficiais dos países envolvidos (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987). Desta forma a exposição pode tornar-se parte daquele lugar, por mostrar ser uma pesquisa colaborativa, que apresenta como objetivo envolver os fronteiriços na construção da exposição, criando uma narrativa que expressa pertencimento.

A intenção dos Estados nacionais é a delimitação clara de fronteiras e identidades, lançando mão do idioma como um dos demarcadores identitários. O que se visualiza nesse espaço de fronteira é o alargamento de relações oficiais, que configuram uma confusão dos papéis sociais, por terem que responder a legislações diferentes, atribuídos aos fronteiriços.

## 2. METODOLOGIA

Por configurar-se uma pesquisa multidisciplinar ferramenta escolhida para desenvolver a pesquisa foi o PDCA, (Plan, Do, Check, Act) Planejar, Executar, Checar e Agir Corretivamente, um método de gerenciamento de atividade, visando um bom desempenho da equipe criado por Walter Shewhart em 1930. A proposta de pensar a exposição museal por esse método é de Marília Xavier Cury (2005). Na primeira etapa, **Planejar**, definimos as metas: realizar uma exposição no segundo semestre de 2016 e organizar um Caderno Pedagógico que auxilie trabalhar a temática em sala de aula, relacionando a exposição com artigos sobre diferentes debates sobre a fronteira, além de relatos de professores da região. O método para lograr os objetivos foi a análise de dados etnográficos da pesquisa **“Yo nací nuna frontera donde se juntan dos pueblos”**: Uma (auto)etnografia situada entre o Brasil e o Uruguai (Pereira, 2016), analisando-os e construindo uma narrativa com colaboração de moradores do lugar.

Na segunda etapa, **Executar**, ocorreram encontros para a análise dos dados etnográficos, e esboço das temáticas dos banners da exposição. Na terceira etapa, **Verificar**, a equipe foi até a fronteira e realizou uma reunião com professores da região para apresentar o projeto, momento em que a exposição ganhou novas temáticas e verificou-se o interesse dos professores, tanto na exposição quanto no Caderno Pedagógico, além de uma parte da equipe verificar o espaço destinado à exposição pensando na montagem; nesta etapa verificou-se tudo que foi realizado até o momento e foram discutidos os resultados das atividades pensando na montagem final da exposição. Para o último momento, **Agir**, está destinado fazer as mudanças necessárias após a verificação, finalizar a narrativa dos banners e montar a exposição no lugar de destino.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram realizadas três etapas do PDCA, nas duas primeiras o desafio era tornar modos de habitar em uma narrativa que fosse representativa e que servisse como uma ferramenta de luta para os fronteiriços. Este foi o motivo principal para que, depois de muita discussão, fosse decidido fazer a exposição em mais de um idioma, não visávamos apenas a representatividade, mas pensamos numa narrativa politicamente engajada que servisse para mostrar que os distintos modos de fazer, de habitar e de falar considerados não oficiais e contra os padrões dos Estados nacionais constitui-se numa cultura de fronteira.

Acreditamos que uma escrita configurada de forma não convencional auxilie na revolução da ciência e se transforme numa ferramenta da comunidade para lutas próprias. Foi por pensar em representatividade, ciência e política que criar uma narrativa se tornou um trabalho árduo. Na terceira etapa, na reunião com os professores, a fronteira ganhou dimensões que extrapolaram o nosso planejamento, classificamos isso como positivo, porque além de muitos membros da equipe escutarem pela primeira vez sobre a fronteira por fronteiriços, o que fez com que estes desconstruíssem muitos conceitos, percebemos que a narrativa não deveria contar temas em específico, mas entrelaçar esses modos de fazer, habitar e falar retratando a cultura de fronteira (STRATHERN, 2014; DE CERTEAU, 1998).

A ida ao local da exposição era para realizar a escolha dos possíveis objetos e documentos do acervo do Museo Del Patrimonio Regional que poderiam dialogar com a exposição, com base nos temas definidos anteriormente para os painéis. Nessa visita foi feito também o primeiro contato com os professores de escolas de Rivera que terão o papel de consultores na elaboração dos materiais e facilitadores na implantação de ações educativas com as escolas locais de modo que estas tenham uma interação mais ativa com a exposição. Esta viagem de campo para Rivera foi realizada entre o final do mês de junho e os primeiros dias de julho de 2016.

No primeiro dia de campo foi promovida uma discussão sobre a temática da exposição com professores locais, aos quais nos referimos anteriormente. Estes mostraram-se interessados com o projeto e contaram o que é a fronteira para eles e qual é, em seu ponto de vista, a relação desta discussão com a educação. Um dos objetivos do encontro foi apresentar a proposta de caderno pedagógico que servisse de apoio para os professores trabalharem a temática em sala de aula. Este caderno contará com a colaboração de vários profissionais que trabalham com temas como Fronteira, Portunhol, Conservação, Antropologia, Arqueologia e Museologia. Os professores foram convidados a participar do livro escrevendo sobre suas experiências como professores na fronteira.

No segundo dia a equipe foi dividida em dois grupos. Um ficou encarregado de selecionar os materiais para exposição como documentação (fotografias, carteiras de registros, catálogos, etc.) e objetos que remetessem ao modo fronteiriço de viver e habitar. O outro grupo ficou responsável pela elaboração do projeto expográfico, esses estudaram a disposição dos objetos, vitrines e painéis na sala de exposições do Museu, tendo em mente a interação dos visitantes com a exposição. Todo o material selecionado foi registrado e escaneado e acondicionado em caixas para que esteja acessível para a montagem da exposição. Após essa seleção realizada no acervo do Museu, a equipe irá desenvolver a diagramação dos painéis e elaborar as legendas para serem colocadas nas vitrines, além da elaboração de intervenções que possibilitará ao público interagir com a exposição.

Pensamos a Fronteira além das definições dadas por dicionários e das demarcações realizadas pelos Estados nacionais. As diferenças das quais falam as definições são aquelas que o Estado instituiu e burocratizou. Esse “entre lugar” (CABRAL & NELSON, 1993) é rico em análise por apresentar peculiaridades e especificidades que fazem parte do cotidiano dos moradores, mas que se configuram como atos sociais contra-hegêmicos compartilhados por outros espaços destinados às margens sociais. Entender algumas dessas particularidades e acrescentar a elas muitas outras é a intenção desse trabalho. Nessa posição particular, que existe entre as cidades, são tecidas relações de aproximação, mas também de afastamentos, que podem ser comuns em uma fronteira seca, mas obedecem lógicas próprias, com os sentidos que os envolvidos lhes atribuem. Entender a contribuição dos museus nesse contexto e a sua utilização para reconhecer a diversidade cultural presente nessa região é um dos desafios que se apresenta.

#### 4. CONCLUSÕES

A fronteira que a exposição mostra não é a fronteira em si, mas uma outra construção da fronteira, é uma interpretação feita pelo grupo. A fronteira foi anotada e (re)anotada, criada e recriada, enfim, a fronteira foi interpretada por um grupo de estudantes de antropologia e arqueologia com o esforço de entender o lugar. A antropologia não costuma existir na fronteira, ela existe em artigos, livros e em sala de aula, a exposição no museu é outra forma de existência da antropologia. O que nós fizemos foi representar a fronteira, o resultado não é a fronteira em si, mas sim a construção de muitas percepções e olhares. Nos termos de Geertz, o nosso exercício foi de realizar uma tradução de algo vivido para algo considerado científico.

Não é um trabalho simples interpretar a totalidade de um lugar, e mais se a interpretação tiver tantos olhares como ocorre num grupo. O nosso objetivo não é resumir a fronteira numa exposição de poucas palavras, algumas imagens, e outro tanto de materiais, tão pouco se consiste em uma representação rígida, não existindo segurança de que a nossa interpretação foi a certa. Não é possível resumir a fronteira entre dois Estados nacionais onde duas cidades vivem e configuram o espaço de inúmeras maneiras em uma exposição de cinco painéis, mas o nosso objetivo é colocar dentro de um museu de forma oficial grupos da fronteira que estão em processo de exclusão e que narram seus espaços através de caminhos não oficiais. Assim compreendemos que este projeto cumpre seu papel como extensão ao aproximar a universidade da sociedade, contribuindo com a inclusão de grupos marginalizados nas narrativas sobre nações em instituições culturais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, João de Pina; LOURENÇO, Nelson. **Em terra de Tufões: dinâmicas da etnicidade macaense**. Instituto Cultural de Macau, 1993.
- CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- DAL'ASTA, F. **Os Museus de Fronteiras como fator de Integração do Mercosul: diagnósticos e propostas**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana, Universidade Federal de Santa Maria.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. 1998.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.
- LIMA, M. G. L.; MOREIRA, R. J. A Fronteira Binacional (Brasil e Uruguai): Território e Identidade Social. **Pampa**, v. 5, n. 5, p. 51-68, 2009.
- PEREIRA, Isis Karinae Suárez. **“Yo naci nuna frontera donde se juntan dos pueblos”**: uma (auto)etnografia situada entre o Brasil e o Uruguai. 2015. Monografia – Bacharelado em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas.
- RADÜNZ NETO, J. C. **“Las fronteras se mueven como las banderas”**: análise sobre a situação do conceito de fronteira em estudos nas ciências humanas. 2012. Monografia – Bacharelado em Arqueologia. Universidade Federal do Rio Grande.
- STRAHERN, M. **O Efeito Etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- VALE, A. F. C.. Por uma estética da restituição: notas sobre o uso do vídeo na pesquisa antropológica. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 162-200, 2014.